

Em seu recente período de estudos na Itália, o poeta-professor-designer-publicitário-crítico-tradutor-romancista-dramaturgo, entre outras coisas, concedeu uma entrevista a Interin. Ela vem aqui apresentada, como parte das comemorações de seus 80 anos, com um pré-texto de Daniel Lacerda e um pós-texto de Denise Guimarães.

Nesse "3D" (obra do acaso mallarmáico?) Daniel, como ex-orientando, homenageia o mestre; Denise, representando nosso corpo docente, integra-se às homenagens ao amigo, com uma leitura do poema TERRA. Sua análise dialoga, por sua vez, com o clipoema "Terra" (a ser apresentado na abertura do 16º. Encontro COMPÓS) de autoria de L. A. Salgado – Doutorando da PUC/SP e Mestre em Comunicação e Linguagens pela UTP.

Os textos se entrecruzam, em um coquetel que mistura palavras, sons e imagens, para brindar Décio Pignatari - desde o início, Professor e Orientador de nosso Mestrado e um "neo-curitibaño", a partir de 1998, o que muito nos honra.

Interin - Seu projeto de pesquisa atual tem como título "Cibermídia, cibermassa". O que você considera como "cibermassa"?

DP - No século passado - mais especificamente no pós-guerra do segundo conflito mundial, quando o processo de industrialização tomou novo impulso, começaram a surgir certas " leis" de natureza crítico-pragmática, formuladas com certo revestimento irônico, quem vem alcançando êxito no universo mid-crit. Uma delas, que começou a difundir-se no Brasil há uns vinte anos, é a lei de Murphy, a lei pessimista estatuída para o fenômeno do caso da ocorrência de acasos. Formulando o gracejo, de modo um tanto livre: se algo de ruim ou mau pode ocorrer numa seqüência de eventos, o lado negativo tenderá a prevalecer no desfecho. Assim, no caso de queda de uma metade de laranja, o lado cortado tenderá a dar de cara no chão.

Antes dessa, há meio século, duas "leis" da mesma natureza difundiram-se pelo mundo do empresariado, incluindo a administração pública. São as duas leis de Parkinson: 1) A despesa tende a esticar-se até empatar com a recente; 2) O tempo de execução de uma tarefa tende a esticar-se até preencher o tempo que lhe foi atribuído.

Tais "leis" como que inauguram o campo de provérbios da era industrial, em seus vários desdobramentos, desde os seus inícios, há pouco mais de dois séculos.

Imitando Parkinson e Murphy, venho de formular a Primeira Lei de Comunicação Globalizada - a saber: "A uma cibermassa mercadológica corresponde uma cibermídia". E vice-versa: A uma Cibermídia tende a corresponder uma cibermassa. Ou seja: as novas tecnologias surgem e se aproximam para atender e suscitar a expansão do mercado de usuários que, por sua vez, ciberneticamente, suscitam o surgimento e a expansão das novas tecnologias midiáticas.

Interin - Em sua opinião, quais as vantagens e problemas trazidos pelas novas tecnologias, considerando especialmente a Internet e também as

mídias digitais, como a telefonia celular móvel com sua nova “maneira/mania” de tirar e enviar fotos?

DP - Devido ao logocentrismo cultural imperante nos cursos de comunicação europeus, especialmente os franceses, e sua grande aceitação nos cursos similares brasileiros, falsos dilemas e obnubilação de problemas tornam-se aí moeda corrente. Para os logocêntricos, toda a massificação de signos por processos computacionais digitais é uma ameaça aos valores culturais... Com isso, parecem esquecer e fazer esquecer proposições fundamentais da comunicação e da semiótica, tais como: os signos (incluindo os verbais, obviamente) também são bens de produção, e consumo; ou: a palavra “pão” a “Santa Ceia”, de Da Vinci, e o “Canto dos adolescentes”, de Stockhausen são tão virtuais quanto quaisquer efeitos especiais na telinha ou na telona.

Interin - Em vários momentos, você já opinou sobre a discussão teórica entre qualidade versus quantidade, em termos comunicacionais. Hoje, o “mais” pode ser “melhor”?

DP - Estamos vivendo uma nova Era da Quantidade, dentro do quadro evolutivo da industrialização. A chamada “realidade virtual” é uma conseqüência lógica dos processos de reprodutibilidade técnica. Manifestações qualitativas já despontam e vão continuar a despontar... em quantidade! Valores e critérios de valores sofrerão deslocamentos. Uma grande era do Design. MASSMEDIA, MEDIAMASS.

Interin - Como você vê -“ O mercado de signos” na Comunicação do séc. XXI ?

DP- Enquanto os logocêntricos ficam lamentando a deterioração da cultura - verbal, escrita e falada, a British Library, em Londres, já inaugurou o setor de Inglês Eletrônico (língua e literatura) e está registrando e classificando as mensagens da NET, dos blogs aos e-mails, passando pelo jornalismo. Recebe milhares de contribuições, mensalmente. Esperemos que o Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo, imite o exemplo.

Na França, o jornalismo impresso de alto nível, como o do Le Monde, é muito mais ágil do que os cursos de comunicação. No ano passado, 2006, o fenômeno brasileiro da Surfistinha mereceu destaque nas imprensas inglesa e francesa. Mas nós ainda não temos massa crítica para abordar as questões comunicacionais provocadas pela explosão infracional causada pela globalização - seja nos cursos de comunicação, de sociologia e de filosofia, seja no jornalismo, seja nos setores responsáveis da Esplanada dos Ministérios.

(Itália, maio de 2007)

Por Denise Azevedo Duarte Guimarães - Doutora pela UFPR – do MCL/UTP - Docente do PPGCOM/UTP.